

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

PRÁTICA DE ENSINO:
UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA
PARA O INÍCIO DE UMA CAMINHADA

**(Relatório do Estágio Supervisionado,
Apresentado pela aluna Rita Maria Freire de Almeida
E orientado pelo professor Alarcon Agra do Ó.)**

*" Aprender não consiste em incorporar informações já
constituídas, e sim em redescobri-las e reinventá-las
através da própria atividade do sujeito."
(Jean Piaget)*

CAMPINA GRANDE, OUTUBRO DE 1998



Biblioteca Setorial do CDSA. Janeiro de 2024.

Sumé - PB

Dedicatória:

*Dedico este relatório aos meus pais Manuel Freire e Lezé Freire,
a quem devo o começo de tudo.*

*A meu esposo, Almeida, amigo e companheiro em todas as horas,
com quem dividi muitas vezes as minhas ansiedades.*

*Aos meus filhos Diógenes, Amanda e, em especial, à Ana Vitória,
que esteve dentro de mim no final de mais uma etapa que consegui
vencer em minha vida.*

Agradecimentos :

Primeiro agradeço a Deus que me encheu de coragem nas horas de insegurança.

A todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial:

Professor Alarcon, meu orientador que tinha sempre uma sugestão a mim dizer e me conduzir com paciência no percurso de todo estágio... Se você não tivesse aparecido, talvez este trabalho não existisse nesse momento.

Professora Nilda, Coordenadora da Prática de Ensino, pelo encorajamento para enfrentar a Prática, acreditando na minha capacidade, pela tranquilidade e minuciosa atenção prestada a cada momento, pela orientação sistemática nas disciplinas durante o curso, as sugestões e o senso de responsabilidade na contribuição para a formação de educadores na área de História... O que aprendi com você é vida!

Professora Socorro Rangel, todo aluno que passa por você não pode dizer que não mudou. A esta mulher cuja energia e força tanto me impressionam, cujas aulas estão presentes em minha mente, cada palavra, cada gesto ficaram como um desafio para descobrir e inventar. Sua filosofia é algo vivo, real, um caminho para desvendar as práticas mais concretas do nosso cotidiano, a arte de estranhamento... Você me inspira coragem!

APRESENTAÇÃO

Este relatório corresponde a um apanhado geral sobre as atividades realizadas no estágio supervisionado do semestre 98.1, que aconteceu na Escola de 1º e 2º Graus "Ademar Veloso da Silveira". O mesmo tem como objetivo, refletir sobre a Prática de Ensino e sua importância para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História.

Pretendemos, a partir dos problemas e das reflexões feitas, poder contribuir para que outros educadores possam ir além do já conhecido, já que entendemos o exercício do historiador em sala de aula como uma prática constante de aperfeiçoamento.

ÍNDICE

Introdução.....	06
Capítulo I - Sala De Aula, Um Espaço Que Se Renova: Uma Análise Das Experiências Vivenciadas No Estágio Supervisionado Do Semestre 98.1.....	08
Relato Das Experiências Do Estágio Supervisionado.....	09
Capítulo II - A Avaliação Da Aprendizagem: Os Objetivos Do Ato De Avaliar.....	19
A Avaliação Da Aprendizagem: Os Objetivos Do Ato De Avaliar.....	20
Capítulo III - A Questão Da Metodologia No Ensino De História.....	28
A Necessidade De Selecionar Os Conteúdos: Como Fazer Isto?.....	33
Considerações Finais.....	35
Bibliografia.....	37
Anexos.....	38
Anexo I - Plano De Unidade.....	39
Anexo II - Planos De Aula.....	44
Anexo III - Textos.....	54
Anexo IV - Registro Das Aulas.....	62
Anexo V - Atividades E Recursos.....	76

INTRODUÇÃO

Relataremos neste trabalho as experiências proporcionadas pelo estágio supervisionado do semestre 98.1, coordenado pela professora da Prática de Ensino, Eronildes C. Donato e orientado pelo professor Alarcon Agra do Ó.

Neste trabalho faremos alguns questionamentos, como também algumas reflexões a respeito dos problemas existentes nas escolas de 1º e 2º graus.

Para facilitar a compreensão do leitor, estruturamos este relatório em três capítulos, nos quais faremos uma discussão por temas: no primeiro capítulo temos relatadas as experiências mostrando a trajetória de todo o estágio e como as aulas foram ministradas. Procuramos, na medida do possível, registrar estas experiências seguidas de uma problematização, a propósito dos dois capítulos seguintes, nos quais faremos uma discussão teórica a respeito da avaliação da aprendizagem e a questão da metodologia no ensino de História.

No segundo capítulo refletimos sobre os objetivos do ato de avaliar, e para aprofundarmos este tema, recorreremos a vários autores, à medida que tecemos críticas e tentamos apontar algumas sugestões.

O terceiro capítulo traz uma discussão sobre a metodologia, por entendermos que na prática pedagógica, esta é a parte que mais pesa para que o processo ensino/aprendizagem aconteça numa relação de interesses comuns (professor/aluno) juntos.

Diante dos problemas apontados nos referentes capítulos e das possibilidades de mudanças neles apresentadas, podemos dizer que a prática de ensino é essencial para que o estagiário possa vivenciar uma realidade mais concreta, e conseqüentemente poder refletir sobre os problemas existentes no ensino fundamental.

Todos os questionamentos feitos no desenvolver deste trabalho estão diretamente ligados às situações vividas no estágio. Portanto, não estranhe, o leitor, se algumas vezes fomos repetitivos, quando isto ocorrer, foi para esclarecer mais as nossas idéias.

CAPÍTULO I

***SALA DE AULA, UM ESPAÇO QUE SE RENOVA:
UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS
NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADO DO SEMESTRE 98.1***

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste capítulo pretendemos relatar as experiências vivenciadas em sala de aula, como também fazer uma reflexão crítica acerca destas experiências que são dignas de notas, porque são significantes para nós estagiários.

Antes de iniciar este relato, abro um parêntese para falar da questão pessoal que motivou minha entrada extemporânea no campo de estágio: a chegada de minha filha Vitória que nasceu no início do semestre 98.1. Por este motivo fiquei afastada da Instituição por algum tempo.

Depois do término da greve nas Universidades Federais, veio o reinício das aulas e conseqüentemente a necessidade de atualizar minhas atividades estudantis. Para isto, pude contar com a professora da Prática de Ensino, Eronildes C. Donato, e o professor Benjamim Montenegro da disciplina Metodologia do Ensino de História, os mesmos se propuseram a discutir os textos comigo individualmente.

Devo ressaltar que os problemas apresentados no parágrafo anterior em nenhum momento comprometeram as atividades da Prática de Ensino, pelo contrário, em alguns momentos foram motivos de incentivo, exigindo um esforço dobrado, o compromisso com todas as tarefas, e uma boa integração com todos: professor, colegas e alunos.

Além dos professores já citados, foi importante a colaboração do professor Alarcon, meu orientador com quem aprendi muito.

Nossos encontros para a orientação aconteceram de maneira mais descontraídas possível, porém foram muito proveitosos. Neles eram discutidos uma série de problemas, à medida que buscávamos meios de tornar as aulas acessíveis aos alunos. Esta descontração que falo, foi um aspecto que ajudou muito a vencer a timidez, pois o professor estava sempre cooperando para que as aulas acontecessem da melhor maneira possível. Tudo isto contribuiu muito para meu exercício como estagiária.

Depois do nosso primeiro contato com a escola, ficamos sabendo o que ia ser trabalhado na Terceira Unidade, e as respectivas turmas, ou seja, uma 6ª série e uma 1ª série do ensino médio.

Na 6ª série o conteúdo estudado foi a *República Velha (1889-1930)*. Para isto foram utilizados cartazes, gravuras, textos mimeografados, charges e esquemas (Anexo). A opção por trabalhar com temas permitiu uma abordagem de vários aspectos relacionados ao período estudado e facilitou nossa própria elaboração dos textos, numa linguagem mais clara para facilitar a compreensão dos alunos. Devemos dizer que mesmo a professora titular tendo feito a escolha do conteúdo, fizemos o possível para estabelecer alguns recortes.

Na elaboração das aulas da 6ª série, foram utilizados alguns livros didáticos como referência. Na 1ª série do ensino médio as aulas ministradas foram sobre História da Paraíba. Como sabemos, não existem livros didáticos nesta área, pelo menos nos modelos mais comuns que geralmente são utilizados nas escolas secundárias. Quanto a isto, a nossa preocupação inicial era encontrar uma maneira de utilizar os autores com os quais trabalhamos nas disciplinas de História da Paraíba e História do Nordeste, numa outra perspectiva, o que não foi difícil.

Sabemos que grande parte dos autores que escreveram sobre a História da Paraíba, produziram uma literatura comprometida com os objetivos do IHGP - Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba - fundado em 1905. Segundo Margarida M. S. Dias, autores como Irineu Pinto, Horácio de Almeida, Irineo Joffily e outros, produziram uma literatura que tinha em vista o regionalismo e a necessidade de exaltar o heroísmo dos conquistadores brancos. Portanto, uma história do ponto de vista do vencedor, e conseqüentemente a valorização dos grandes nomes da terra no contexto da formação da nacionalidade brasileira. Vejamos o que diz a autora:

"(...) Essa paraibanidade pode ser definida como a identidade paraibana, criada pelo IHGP, para conceituar uma personalidade específica, circunscrita pelo espaço tido como paraibano e formado por algumas características e valores (...) Essa 'nova' civilização se diferenciou de toda a sociedade brasileira porque nasceu da paz, não foram as lutas, e não foi o trucidamento da cultura indígena que proporcionaram esse novo espaço. Foram expedições portuguesas que tiveram muito trabalho em ocupá-lo (...)." (Mestrado em Ciências Sociais, 1994:62).

Tendo em vista a natureza das fontes, optamos por mostrar, em nossas aulas, as lutas e resistências que se geraram em prol da posse da terra. Para isto, utilizamos alguns fragmentos dos textos mais tradicionais para análise sobre a atuação dos holandeses na Paraíba, à medida que questionamos o sentimento nativista.

Quanto à turma, houve uma boa interação, porque os alunos haviam *xerocado* um texto fornecido pelo professor, só que este texto era utilizado sem nenhuma modificação. De certa forma, percebemos que a turma ficou interessada. Esta é uma parte que

exige criatividade, pois temos que fazer uso do material disponível, além de um bom domínio de conteúdo.

O estágio supervisionado não é simplesmente o confronto com a realidade e com a sala de aula, é também uma oportunidade para o contato com "o outro", é uma experiência que envolve todo o corpo da escola. Esta, por sua vez, não permite que o estagiário faça muita coisa, é uma Instituição fechada em si mesma, com suas precariedades.

O professor titular na maioria das vezes não é muito acessível. Por outro lado, passa a existir a necessidade de encaminhar o estágio com uma certa coerência para a retomada das aulas, já que a permanência do estagiário em sala é por um espaço curto de tempo.

As experiências têm mostrado os eventuais problemas que surgem em função de uma tradição quando tentamos trabalhar de maneira diferente. A prática nos têm mostrado isto quando nos deparamos com alguns professores dando alertas: "você pode ser barrado com este livro, este tipo de ensino confunde o aluno, use o livro didático, fica mais prático." (Prática do semestre 98.1).

No trecho que se segue, podemos sentir um pouco estas limitações que começam pela escolha do conteúdo feita pela professora:

"(...) O assunto é a República Velha, eu sempre dou a Guerra de Canudos, o Cangaço, a Indústria e a Revolução de 30. (...) Eu não me incomodo com a presença do estagiário, desde que o assunto seja dado e ele utilize o livro didático que o aluno conheça, pois no final todo mundo quer nota.(...)" (Prática de Ensino do semestre 98.1).

Resta dizer que por exigência da Direção da Escola, o professor da sala tem que acompanhar as aulas. Por vezes, gera-se uma situação de constrangimento pelo choque que envolve o estagiário sem autonomia, a professora que justifica sua prática pedagógica ineficiente, e os alunos, a parte mais prejudicada, já que percebem uma alteração no ritmo das aulas, ou seja, a mudança de método.

Vários aspectos da Prática de Ensino mexem muito com o lado emocional do professor incitante. É preciso muita persistência para que as dificuldades sejam vencidas. No turno da noite, a primeira aula veio acontecer após termos ido três vezes à escola. A primeira vez, o professor regente não compareceu; na outra semana foi a missa de 7^o dia de uma professora; a terceira tentativa coincidiu com o dia do estudante, e assim por diante...

Neste sentido, é interessante o início da prática o quanto antes, pois a permanência do estagiário em sala de aula é incerta e depende dos contratempos da estrutura escolar que não tem favorecido nossa atuação como deveria ser. As aulas da 1^a série tiveram início depois que meu orientador entrou em contato por telefone com o professor regente.

De início, ganhar a atenção das turmas não foi muito fácil. Até pelo desprazer em estar em sala de aula que os alunos demonstram. Mas, uma coisa gratificante para nós, foi ver que nossa tarefa foi realizada, porque estamos dando vida à história, e quando os alunos percebem que a metodologia é outra, começam a interferir com perguntas.

As aulas na 6^a série aconteceram no turno da manhã. Uma turma numerosa com 48 alunos. No início não foi muito fácil, eu era a única estagiária neste turno e esta separação das outras colegas não

me permitiu trabalhar em conjunto em nenhum momento. Por outro lado, foi uma experiência boa, porque devido a uma série de circunstâncias o tempo da manhã é melhor aproveitado.

Durante a elaboração das aulas, tivemos muito cuidado com o uso dos conceitos e com a faixa etária dos alunos. Na seleção de conteúdos, uma preocupação central foi com "o que seria mais interessante trabalhar com aquela turma". Então, pensamos em introduzir o conceito de *República* numa primeira aula (Anexo), depois outros temas relacionados ao *Cangaço*, *a Guerra de Canudos* e *a Indústria nos anos 30*, dando relevância à *Urbanização* e a *Questão Operária* naquele período.

As aulas ocorreram sem muitas surpresas. No início constatamos uma certa resistência por parte dos alunos, demonstrando muita inquietação e pouco interesse. Este já é um fato rotineiro, uma vez que há nas escolas uma prática pedagógica fossilizada que não cria espaços para uma relação prazerosa entre professor e aluno no processo de ensino/aprendizagem. Este é um ponto que nos leva a refletir sobre a necessidade de modificar a estrutura escolar como um todo. Esta é uma discussão mais complexa que pode ser retomada num outro momento.

Entretanto, sabemos que isto não acontece só na área de História, na verdade, sabemos que existe uma clientela de alunos desmotivados. O próprio ambiente, corredores barulhentos, salas superlotadas e desconfortáveis, denunciam uma situação de abandono e descaso com a educação, ao mesmo tempo em que os professores em sua maioria para ali se deslocam apenas com o intuito de cumprir seu exercício, dando aulas desinteressantes e tediosas, já que não dinamizam a prática pedagógica. Então, num ambiente onde

nada chama a atenção, porque a prática é sempre a mesma, fica difícil ganhar a atenção dos alunos, o que não é impossível.

O que nos interessa neste texto não é cair no pessimismo, pois há sempre um espaço onde o novo possa aflorar. É possível fazer algo, plantar uma semente.

A realidade da sala de aula, em especial a escola pública, não permite fazer sentir os resultados de nosso trabalho como estagiários. Isto seria muita pretensão. No entanto, nos remete ao que diz o educador Cipriano Carlos Luckesi:

"O novo nasce do velho e o supera por incorporação... A criatividade não é pura espontaneidade. Para haver criação há que ter um suporte nas capacidades desenvolvidas..." (Luckesi, 1991:82).

Notadamente, nosso educador não está se referindo especificamente ao caso da História, porém esta citação nos enche de esperanças quando pretendemos seguir uma linha de trabalho que permite desenvolver, em sala de aula, situações em que o *saber* e o *prazer* tenham lugar no ensino de História. Neste caso, a história oficial será usada apenas como uma referência.

Tentando introduzir o conceito de *República*, partindo de questões atuais, um aluno da 6ª série perguntou: "Isso é História, professora?" Achamos esta pergunta interessante pois, ela nos permite entender a concepção de História que é passada para os alunos, ou seja, um estudo do passado pelo passado.¹ O fato de poder levá-lo a indagar sobre o que estava sendo discutido demonstra o cuidado que devemos ter com os questionamentos dos alunos, como também se o

¹ Voltaremos neste ponto no terceiro capítulo, quando falarmos sobre metodologia.

nível da aula corresponde à faixa etária da turma e o nível de abstração particular dos alunos. Para isto, a teoria piagetiana é fundamental.

Sobre a importância de Piaget para o avanço nas questões pedagógicas, no que se refere às estruturas mentais, Adriana O. Lima afirma:

"(...) Assim, Piaget nos apontava (colocava à nossa disposição) a necessidade de conhecermos, de tomarmos consciência dos estágios de desenvolvimento da criança e do jovem. Acreditamos ser cada vez mais urgente, os educadores se voltarem para os estudos piagetianos. Uma vasta literatura pode subsidiar nossos procedimentos didáticos e, o mais importante, fazê-lo evoluir, o que não é possível fazer se não conhecermos estes estudos." (1994:93).

O conteúdo desta citação é próprio para refletirmos sobre as dificuldades que o educando apresenta no estudo da História. Estas dificuldades muitas vezes aparecem quando ouvimos depoimentos de alunos que não gostam da disciplina. Certamente é a metodologia que precisa ser repensada e, isto só é possível com o auxílio da psicologia para a compreensão dos estágios de desenvolvimento do jovem.

Os questionamentos em sala de aula devem ser explorados pelo professor, e isto dificilmente ocorre, porque a prática pedagógica mais comum é aquela que exige a passividade do aluno e pouca comunicação em sala. Os jovens não são educados a questionar e não suportam explicações demoradas.

No geral, as perguntas dos alunos são consideradas quando correspondem às expectativas do professor, caso contrário, são atropeladas e ficam no esquecimento.

Tradicionalmente, os conteúdos são transmitidos sem nenhuma preocupação em saber se o aluno se encontra preparado para aprender. É mais um motivo que faz com que a História repassada nas salas de aula seja inútil e utilizada como instrumento de domínio, pois quando é interessante para o professor, não tem nenhum valor para o educando.

O clima encontrado no campo de estágio é de uma verdadeira batalha, na qual não se encontram bem definidos os motivos porque se lutam, ou seja, não há coletividade no trabalho desenvolvido. Os alunos não interagem na definição do que estudam e o professor usa o “poder” para controlar a situação.²

Talvez a solução para a crise da educação esteja no próprio alunado que durante a vida escolar, em parte, ficam forçosamente escanteados do próprio processo educativo do qual faz parte, à medida que não são mobilizados para promover mudanças.

Em outras palavras, em nossa realidade nunca se ouviu falar de um planejamento participativo. Raramente a turma é indagada sobre o que gostaria de estudar durante o ano letivo, numa unidade, uma aula, pois são tratados como passivos, como se na escola o dono do “poder” fosse o corpo discente.

Sabemos que a relação de poder não está presente só na luta de classes, nas instituições como um corpo. O exercício fluído do poder, sua mobilidade e descontinuidade abrange também o cotidiano do educando e estão latentes na relação professor/aluno

sob forma de violência simbólica, violência física, o medo e a própria submissão.

Sabemos que a função do ensino de História é fazer com que o educando reflita sobre os problemas sociais e se reconheça como cidadão no processo social. Mas como isto pode ser possível, se não for valorizado as experiências cotidianas dos alunos?

Pelo exposto acima, devemos dizer que a História não pode servir para matar a imaginação, ela deve fomentar as paixões e criar, no alunado, o gosto pela criatividade, pelos sonhos e a identificação com o presente, à medida que formamos cidadãos conscientes. O ofício do professor se desdobra, sua função é mediar para que este processo ocorra e deixe de ser uma utopia.

Por tudo que aqui foi dito, concluímos que apesar das limitações expostas no campo de estágio, algo pôde ser feito. Quanto a um futuro que virá, haverá sempre meios de fazer com que os alunos percebam que a partir dos dados que os programas convencionais apresentam, a História pode ser estudada e pensada de outras formas. Isto é possível mesmo quando a estrutura da escola não permite, existirá sempre as estratégias para fazê-lo.

No próximo capítulo, tomando como base os posicionamentos de vários autores, falaremos sobre a avaliação da aprendizagem e suas implicações.

CAPÍTULO II

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: OS OBJETIVOS DO ATO DE AVALIAR

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: OS OBJETIVOS DO ATO DE AVALIAR.

*"Será que nosso ensino de história deve limitar-se a encher as cabeças dos nossos alunos com amontoados de fatos, cujo 'conhecimentos' deverá ser avaliado num determinado dia?"
(Chaffer e Lawrence, 1984:90).*

Consideramos que a pergunta feita nesta citação é muito importante para questionarmos o tipo de avaliação mais comum em nossas escolas hoje. Portanto, neste capítulo tentaremos respondê-la, à medida que buscamos uma maneira diferente de avaliar, ou seja, uma avaliação que esteja presente em todos os momentos vividos em sala de aula, diferente, portanto, do modelo tradicional que tem sido classificatória e seletiva.

Sabemos que a avaliação é considerada uma das áreas da prática docente que mais resiste a mudanças. Tendo em vista esta constatação, alguns autores buscam compreender o processo ensino/aprendizagem, inserindo-o num contexto mais amplo, para verificar o papel da escola na sociedade. O que se tem verificado é que o ato de avaliar, no geral, está direcionado muito mais ao sistema como um todo, do que ao aluno propriamente dito, pois a preocupação central é a atribuição de notas, e não a revisão dos procedimentos didáticos, tendo em vista a aprendizagem.

Sabemos que a escola responde à sociedade pela qualidade do trabalho educativo que realiza. Desta maneira, a avaliação corresponde a uma necessidade social. Talvez este seja um aspecto

que esclareça os motivos de algumas escolas tentarem mudar a metodologia, mas manter as provas seletivas, como também explicar os eventuais problemas enfrentados quando tentamos desenvolver uma prática pedagógica diferente, isto acontece tanto na rede pública de ensino, quanto na rede privada.

De acordo com as colocações feitas acima, concordamos que quando o ato de avaliar torna-se acolhedor, tendo em vista as dificuldades do educando e a necessidade de provocar mudanças, estamos praticando a idéia de harmonia, um trabalho coletivo que acaba entrando em contradição com a sociedade em seus aspectos desiguais e competitivos.

As experiências têm mostrado que não existe muito interesse em mudar a qualidade do ensino, no que se refere às escolas da rede privada, Não há um distanciamento muito grande destas questões. É muito comum a iniciativa de mudanças partirem de professores isolados, quase sempre mal compreendidos pelos colegas de trabalho, os quais terminam ficando ao lado da direção. Dificilmente o corpo administrativo da escola se compromete com uma prática pedagógica transformadora. "Certa vez me submeti a uma entrevista numa escola, na qual as provas de final de unidade eram elaboradas pela diretora, e um primeiro alerta feito aos iniciantes, era o de que todos deveriam acatar a linha de trabalho adotada."

Essas colocações mostram o clima de resistência que encontramos, e servem para refletirmos o quanto precisamos ser persistentes em nossa ação, para que o ensino seja modificado.

Partindo das colocações feitas no início deste capítulo que trata da avaliação, começaremos agora por esclarecer a iniciativa de

trabalharmos com este tema, relacionando-o com as experiências da Prática de Ensino.

A princípio, a escolha por discutirmos a avaliação foi decidida por acharmos que é a parte mais difícil do trabalho do professor. Depois a necessidade aumentou quando começaram as aulas do estágio supervisionado, momento em que nos deparamos com uma situação que veio exigir uma certa determinação e escolha por um método para por em prática.

Durante o curso deu para sentirmos uma certa ausência e maior concretude às propostas debatidas nas disciplinas de Didática e Metodologia. Desta forma, ler mais sobre avaliação, buscar em vários autores outras sugestões, era uma necessidade para um maior aprofundamento sobre um assunto tão complexo, pois avaliar "o outro" num sistema educacional do qual fazemos parte é um ato de grande responsabilidade.

No ensino considerado tradicional, o professor avalia para saber se seus objetivos foram alcançados, suas atenções se voltam para aqueles alunos que comprovam "o bom" desempenho de seu trabalho. Sendo assim, a ênfase na avaliação está mais para o sucesso do profissional, e não para a aprendizagem do aluno, cujas expectativas, a maioria das vezes, diferenciam das expectativas do professor.

O aluno "*problemático*", aquele que faz o professor repensar seu trabalho, no geral, é acusado de incapaz, como se houvesse uma culpa por não ter aprendido. Esta culpa quando não é da escola, nem da família, passa para o sistema, e o aluno "*problemático*" se perde pelo caminho. O processo avaliativo envolve também a

família que pressiona os filhos exigindo boas notas. Sobre este aspecto, Chaffer e Lawrence afirmam:

"A sociedade está atacada pela febre dos exames e, ao contrário da tendência do princípio da década de 60, os exames públicos parecem está mais do que nunca de 'pedra e cal." (1984:91).

Neste trecho podemos perceber que apesar de está se referindo a uma realidade inglesa, ultimamente está acontecendo algo parecido no Brasil, onde o processo seletivo e classificação adotado nas escolas abrange o mercado de trabalho, cada vez mais escasso e competitivo.

Certa vez, numa escola de bairro, uma mãe numa reunião de pais expressou ^{SUA} qual preocupação com a avaliação da escola que havia mudado, e mesmo o grupo de professores tendo explicado que não era justo desconhecer o esforço do aluno em acompanhar as aulas, a assiduidade, a participação, os exercícios e, só a prova ter valor de aprovação - não foi o suficiente para convencê-la. A maioria dos pais presentes apoiaram a mãe que protestava.

Preocupados com a aprovação dos filhos, achavam essencial a prova nos padrões tradicionais já que os filhos estudavam mais e, segundo opiniões, são elas (as provas) quem estão presentes nos concursos e testes para admissão de empregos.

Nestes termos, concordamos com os autores quando afirmam que: "É evidente que o problema não consiste em saber se deve ou não haver exames, mas sim se precisar que tipo de exame deve haver." (1984:91). Já que pelo menos nos dias atuais as provas ainda

não foram abolidas. Portanto, o essencial é que este tipo de prova seja repensado e dê margem à produção individual.

As questões subjetivas darão espaços para que o aluno reflita e questione, elas devem substituir as perguntas freqüentes nos livros didáticos, do tipo: *Assinale com um X ou completar, enumerar, responder de acordo com o texto, etc.*, pois estas perderão totalmente o sentido, já que os alunos durante as aulas, as leituras e o conhecimento prévio (de mundo) comportam uma infinidade de informações que ultrapassam certos limites.

Sobre a avaliação da aprendizagem, estamos de acordo que "avaliação deverá adquirir uma conotação diferente (...) deixar de ter a função de medida do produto final em um momento específico e passa a ser referencial básico cotidianos do professor e aluno." (1991:35).

Podemos entender que não se trata de um momento final, mas de um processo, uma continuidade, mas não é esta a prática que tem ocorrido nas escolas. Na verdade os professores dificilmente se colocam na posição de ser avaliados pelos alunos, mas como o dono do saber.

Neste estágio tivemos dificuldades ao tentarmos fazer um trabalho diferente. Os alunos acostumados com a metodologia do professor titular não são incentivados a escrever. Para as perguntas subjetivas utilizaram as palavras do texto, sem nenhum esforço em responder com suas próprias palavras.

Na verdade este problema é resultado do tipo de ensino que eles conhecem, e sobre isto vejamos o que dizem Chaffer e Lawrence:

"(...) há provas suficientes para se pensar que o modo como a história é muitas vezes ensinada, sacrifica o desenvolvimento da capacidade de compreensão dos fatos históricos por parte do aluno, a acumulação de conhecimentos inertes, em larga média mesmo ainda a nível de 6º ano (...)"

A primeira colocação feita pela maioria da turma quando conversamos sobre os exercícios, foi que o ideal seria a elaboração de várias questões, para que fossem escolhidos as perguntas da prova.

Este problema é preocupante, e demonstra o quanto o conhecimento passado para eles é fragmentado, sem nenhuma preocupação com a produção do aluno, muito menos com as diferenças que existem entre eles, no que se refere ao nível de abstração, tão importante para a aprendizagem, e que deve ser levado em conta quando planejamos.

Os problemas acima apresentados, os quais são de ordem metodológica, desembocam num outro aspecto ainda mais grave e conflitante - a relação professor/aluno em sala de aula. Ou seja, esta prática pedagógica que não estimula a criatividade leva a existir na escola os problemas de comportamento, também afetado, passando a gerar um relacionamento controlado exclusivamente pelas notas (a punição), a única arma que o professor dispõe para fazer funcionar suas aulas.

No segundo dia de aula na 6ª série, os alunos estavam inquietos. A professora regente começou a exhibir na sala um fichário com as notas (controle), e fazendo um lembrete, dizia: "prestem atenção na aula, lembrem-se das notas baixas!"

Na ficha da professora tinha marcado +1 e -1, entendi que era uma maneira de mantê-los quietos. Durante toda a aula, "a ficha de

controle" esteve nas mãos - única forma de acalmar a turma, pois o alerta sobre a ficha se repetiu várias vezes.

Entendemos que esta prática mostra a relação de poder que se estabelece entre professor e alunos. Ou seja, para por em prática seu trabalho, o professor pune, desta vez não mais com castigos corporais, mas com notas baixas.

Este controle em enfoque acompanha tanto o momento de preparar as aulas, como o dia-a-dia. Na avaliação o julgamento é essencial, pois a prova antes de ser lida, já tem a correção afetada pelo conceito de comportamento desafiador que o professor conhece de cada um, porque se repete diariamente e, a correção não se limita a verificar se o aluno foi capaz ou não de reproduzir os "*conhecimentos*" transmitidos pelo professor.

Por outro lado, nesta relação de "poder" que se estabelece na escola, os jovens sempre encontram uma resposta como resistência aos instrumentos repressivos que visam a passividade a qualquer custo.³ De acordo com A. O. Lima, as armas utilizadas pelos jovens podem se expressar pela violência simbólica, ou violência física. Sobre isto vejamos o que diz a autora:

"(...) Sabemos que os jovens são capazes de coordenar ações mais eficazes de 'tomada provisória' de poder. Entre elas, podemos citar os sistemas organizados de 'cola'. (ato planejadamente solidário e 'contra' os professores) a 'bagunça' generalizada em determinadas aulas, o silêncio dos adolescentes para não 'entregar' um companheiro. (...) Entre os adolescentes, os heróis, em geral são aqueles que desafiam o professor, que planejam a sabotagem (...)" (1994:49)

De acordo com o exposto, podemos afirmar que de certa forma a relação ensino/aprendizagem se dá num ambiente conflituoso. Diante destes problemas, é necessário que haja uma mudança para que a escola funcione com outros objetivos. Não vamos fazer um discussão teórica a respeito da estrutura do ensino no Brasil, pois não é este o nosso objetivo. No entanto, acreditamos ser possível partir da modificação da prática pedagógica que tem grande peso. A partir disto poderemos lançar uma semente que possa contribuir para a formação de uma geração consciente.

Ainda se referindo à avaliação, Matui questiona:

"Apesar das apreciações negativas, a avaliação classificatória continua a existir nas escolas. Cabe perguntar o porquê. Certamente não é em nome dos interesses dos alunos, se há alguma razão, ela é externa à escola e de ordem política." (1995:225).

Com as palavras do autor, retomamos às colocações feitas no início do texto, ou seja, a escola tem sido utilizada para reproduzir uma sociedade desigual. Repensar a avaliação que contribui para que isto ocorra, significa repensar toda prática pedagógica, uma maneira de mudar o caráter antidemocrático do ensino.

Na área de História, enquanto o ensino limitar-se a transmitir amontoados de fatos sem estimular o senso crítico e a originalidade, estaremos contribuindo para manter este modelo de educação, tão criticado em várias obras acadêmicas.

No próximo capítulo, baseados em vários autores, falaremos sobre a questão da metodologia no ensino de História.

³ Aqueles que desejarem compreender melhor a relação de poder exercida em sala de aula, aconselhamos a leitura do livro de A. O. Lima, intitulado: Avaliação Escolar: julgamento de construção?



CAPÍTULO III

A QUESTÃO DA METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA



A QUESTÃO DA METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Um dos pressupostos para se repensar o ensino de História tem sido a crise vivenciada na escola. Parece que o papel do professor não tem se exercido para fazer com que o aluno goste da disciplina, ou talvez porque os livros didáticos trazem uma série de participantes importantes, com os quais os alunos não se identificam. O gosto pela matéria é um caminho para que o ensino ocorra de forma produtiva.

Por outro lado, a História tem sido encarada com outros olhos em várias instâncias da sociedade, ou seja, no cotidiano das pessoas - a participação no futebol, os acontecimentos no seio da família, o dia-a-dia no trabalho e outros momentos, por mais simples que sejam.

Então, por que na escola a História é encarada de maneira diferente enquanto disciplina? Refletindo sobre estas questões, concordamos que no trabalho do professor a parte que mais contribui para que isto aconteça é a metodologia, a qual precisa ser modificada.

Em razão destes problemas, pretendemos, neste texto, levantar alguns questionamentos a respeito da metodologia, de forma genérica, para no final, refletirmos sobre a busca de princípios que levem à uma metodologia mais adequada.

Para Rays, "(...) a unidade da teoria e da prática é que dá à metodologia do ensino subsídio para a superação do processo de ensino que causa rupturas da visão totalizante da prática pedagógica. (...)" (1995:95).

Entendemos que o ensino não pode acontecer dissociado da prática social, pelo contrário, o conhecimento histórico deve ser adquirido para que o aluno se perceba como sujeito ativo neste processo social no qual está inserido.

Para que isto ocorra, o professor durante sua formação acadêmica, deverá fazer opção por uma corrente teórica que fundamente seu trabalho, pois a concepção de história adquirida antecede todas as suas atividades. Portanto, é ela quem direciona os passos para a montagem de um plano de curso, de uma unidade, de uma aula, pois um programa não é neutro e no geral ele é resultado da soma de várias abordagens teóricas, que em sala de aula se expressam de acordo com o desempenho do professor ao conduzir suas aulas.

Toda problemática está para recuperar o interesse do educando, tendo em vista que principalmente no ensino secundário, as aulas não tem correspondido às expectativas dos alunos. Entretanto, para que isto mude é preciso encontrar meios para fazer com que os alunos percebam que a história é funcional em suas vidas, ou seja, é preciso iniciá-lo no pensamento histórico.

Sabemos que este não é um exercício tão simples de ser realizado, porém compreendemos que um profissional interessado em contribuir na formação de indivíduos conscientes e participativos, não pode está limitado a transmitir informações sem o senso crítico, sem nenhuma ligação com as necessidades da sociedade contemporânea, face a rapidez em que ocorrem os fatos, além de uma infinidade de canais de comunicação disponíveis na atualidade.

É preciso que o ensino seja compatível com as mudanças vivenciadas pela sociedade. Na verdade, a impressão que fica é que a

sociedade vive mudanças, mas a necessidade de transformar a escola tem sido ignorada, já que o ensino tradicional tem permanecido, apesar do esforço de alguns professores para mudar esta realidade.

Tendo em vista estas questões apontadas, o professor precisa está sempre pesquisando se desejar dinamizar suas aulas, uma vez que educador e educando fazem parte de um mesmo processo para o exercício consciente de cidadania. A escola, a meu ver, tem esta função, a de mediar para que este processo ocorra.

De acordo com os autores Chaffer e Lawrence, a tarefa do professor de História tem sido "injetar vida num passado morto." (1984:14), já que envolver o aluno num processo imaginativo tem sido um desafio a enfrentar, quando nos deparamos com um programa a ser cumprido e sentimos a necessidade de buscar caminhos para inovar, sem perder de vista o tradicional.

Sobre estas questões, vejamos o que diz o professor Newton Dângelo, quando discute as possibilidades de se trabalhar com a história temática:

"o passado só será 'morto' se permitirmos que o enterrem... e o presente só continuará vivo, cheio de pessoas fazendo História, se não permitimos que apaguem nossa memória hoje." (1990:22).

Neste trecho, entendemos que a opção por trabalhar com temas é interessante porque nos permite fazer uma sintonia entre o presente e o passado. Desta vez estaremos utilizando um método dinâmico, fazendo uma contextualização global e integrada, sem que seja preciso deixar de lado os conteúdos antes utilizados para uma educação cívica e política.

Para que isto aconteça, devemos ter o cuidado de historicizar as fontes para poder fazermos ponte com a sociedade em que vivemos, ou seja, as fontes atuais não devem ser analisadas isoladamente, da mesma forma também os documentos de época. Só assim o estudo da história estará sempre recuperando o que ficou no passado e, conseqüentemente, o estudo da História passará a ter para os alunos a identificação com o presente, porque será sempre atual.

Sobre esta concepção de História, Bosi afirma: "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências vividas no passado. A memória não é sonho, é trabalho." (Bosi, 1987:48).

Nesta perspectiva, o uso do livro didático, por exemplo, seria feito para desmistificar o poder quase absoluto que o mesmo tem exercido sobre a escola. Seria um referencial para se questionar o caráter de verdade que neles se apresenta, tentando mostrar que existem outras interpretações para determinados conteúdos e que através de pesquisas é possível trazer à luz vários acontecimentos que os livros escondem.

A História temática tem sido essencial para pensarmos o ensino em termos de qualidade, eliminando os conteúdos desnecessários, o que nos permite aproveitar melhor o tempo ao qual temos acesso na escola, como também o tempo dos alunos. Sobre isto achamos pertinentes as palavras do autor C. C. Luckesi:

"difícilmente os professores definem com clareza, no ato do planejamento de ensino, qual é o padrão de qualidade que se espera da conduta do aluno, após ser submetido a uma determinada aprendizagem." (1998 : 44).

Quando isto acontece é porque não há objetivos claros no ato de ensinar. É necessário que haja coerência no programa. A metodologia deve está de acordo com a seleção de conteúdos, no caso as temáticas. Os objetivos, os recursos, a avaliação devem caminhar numa mesma direção, para que o professor tenha definido o que deseja conseguir com o seu trabalho.

A NECESSIDADE DE SELECIONAR OS CONTEÚDOS: COMO FAZER ISTO?

Na citação que ^{segue} temos:

"Um programa deverá ter uma finalidade claramente definida e o de que deverá adaptar-se aos dotes intelectuais dos alunos a que se destina." (1984:42).

Isto significa que o processo de seleção de conteúdos passa por vários momentos. Diante de um programa amplo, o professor deve fazer uma sondagem sobre as especificidades das turmas antes de selecionar os temas, tendo em vista a importância que os mesmo devem ter para os alunos.

Uma outra possibilidade para a escolha dos temas é consultar os próprios alunos sobre o que eles gostariam de estudar. Para M^a de F. Almeida:

"As aulas de História podem constituir um espaço privilegiado para o desenvolvimento de comportamentos orientados pela solidariedade e responsabilidade na busca de soluções para problemas coletivos."

O planejamento participativo (professor e alunos), é considerado pela autora como um dos passos para envolver os alunos num trabalho conjunto, criticamente analisado e orientado. Esta proposta é interessante porque visa um ambiente escolar agradável para o professor e alunos, à medida que a produção do conhecimento passe a acontecer de acordo com os interesses de ambos.

Havendo seriedade e interesse por parte do grupo, as responsabilidades, o sucesso ou o fracasso da turma passa a depender de todos. Os conflitos serão resolvidos em conjunto, pra que haja uma certa harmonia e a aprendizagem não seja prejudicada.

O ideal é que as aulas sejam conduzidas para oportunizar discussões diversas, de forma que a escola seja o espaço onde todos possam apresentar dúvidas e sugestões, e nenhum aluno fique fora do processo ensino aprendizagem.

O aluno mediado nestas perspectivas, certamente será capaz de olhar para o passado e tentar compreender como as pessoas vivenciaram aquela fase, conseqüentemente se colocará como agente ativo num processo de vivências em que se encontra. Além do que, terá a sensibilidade de ver o passado como produto de experiências de pessoas vivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste relatório, consideramos este momento próprio para refletirmos sobre a importância da Prática de Ensino para o nosso crescimento como estagiários. Este crescimento foi possível à medida que aprendemos mais, sempre que uma dificuldade era vencida quando realizamos nossas atividades no estágio supervisionado.

A prática de ensino é uma experiência necessária, porque leva o aluno estagiário a fazer uma auto-avaliação de toda sua trajetória durante o curso. Na verdade, o desempenho do professor iniciante em sala de aula é também o resultado de um trabalho conjunto, é uma soma da contribuição de cada professor para a formação de educadores na área de História.

Outro aspecto que tomamos conhecimentos é o de que a realidade de ensino público exige um fazer pedagógico comprometido com a formação de indivíduos conscientes e participativos. Este compromisso deve ser assumido no decorrer do curso.

É através do estágio supervisionado que podemos sentir um pouco a realidade do campo de trabalho onde futuramente iremos exercer nossa profissão - no contato com a escola, percebemos a maneira como o ensino de História é transmitido - sobre isto problematizamos no decorrer do texto.

Podemos dizer que os problemas do ensino fundamental não estão separados do que se discute na academia. Neste sentido, a Prática é

prática é essencial para que o futuro profissional possa vivenciar uma realidade mais concreta.

Estando concluindo o curso de Licenciatura Plena em História, entendemos que este é apenas o começo de uma caminhada desafiante que sempre exigirá de nós a realização pessoal, o gosto pela profissão e a vontade de saber, pois "*só desperta paixão para ensinar quem tem paixão para aprender.*" (Paulo Freire).

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- CADERNOS DE HISTÓRIA. Universidade Federal de Uberlândia. Deptº de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, vol. I, nº 1, Uberlândia, 1990.
- CHAFFER, Jonh e Lawrence Taylor. *A História e o Professor de História*. Livros Horizonte, Lisboa, 1994.
- LEECOM, Calundus et alli. *A Vida na Escola e a Escola na Vida*. 13ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985.
- LIMA, Adriana Oliveira de. *Avaliação Escolar, Julgamento ou Construção?* Petrópolis, Vozes, 2ª edição, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*.
- MATUI, Jiron. *Construtivismo: teoria sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo, Moderna, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1978.
- DEAN, Warrem. "A Industrialização Durante a República Velha." In: FAUSTO, Boris. Org. *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª ed., DIFEL, 1977.
- DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local (1905-1930)*. Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, 1994.
- DINIZ, Ariosvaldo. *A Maldição do Trabalho (homens pobres, mendigos e ladrões no imaginário das elites nordestinas)*. Mestrado em Ciências Sociais, UFPB, João Pessoa.
- HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções*. Trad. Maria Lopes e Marcos Renchel, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1981.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 3º E 4º CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL - História, Brasília, out./1997.

ANEXOS

ANEXOS I

- PLANO DE UNIDADE -

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO 98.1

LOCAL DE ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMA
VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ESTAGIÁRIA: RITA MARIA FREIRE

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

SÉRIE: 6ª TURNO: MANHÃ

CARGA HORÁRIA: AULAS (50 MINUTOS)

PLANO DE UNIDADE

TEMA: - *República Dos Fazendeiros: Tensões Sociais E Novas Alternativas De Vida;*

- *A República ontem e hoje;*
- *Canudos e Cangaço;*
- *O Nascimento da Indústria.*

OBJETIVO GERAL: *Objetiva-se que, ao final da unidade, os alunos sejam capazes de compreender como se deu a formação da República no Brasil, no processo histórico vivenciado de 1889 e 1930.*

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- *Identificar os vários "projetos" de república, a ausência da participação popular nestes "projetos" e a importância dos símbolos para a construção do sentimento nacionalista.*
- *Discutir a problemática da terra na república oligárquica, comparando-a com os problemas atuais, tomando como básico o caso de canudos.*

- Perceber as especificidades do processo de industrialização no Brasil no período (1889-1930), a dependência dos cafeicultores e os tipos de mão-de-obra utilizadas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Como nasceu a República, como foi pensada pelos grupos;
- Canudos: novas alternativas de vida;
- A indústria na República Velha, cafeicultores como pioneiros;

METODOLOGIA: - As aulas serão expositivas e dialogadas, com o uso de cartazes, charges, textos mimeografados, quadro para giz e roteiros.

AValiação: A avaliação será feita através da participação, assiduidade, elaboração de pequenos textos e exercícios escritos.

BIBLIOGRAFIA:

- CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- DEAN, Warren. "A Industrialização Durante a República Velha". In: Fausto Boris (org.) *História da Civilização Brasileira*. Difel, 1997.
- PILETTI, Nelson. *História e Vida - 2º Grau*. Editora Ática.
- SCHIMIDT, Mário. *Nova História Crítica do Brasil - 2º Grau*. 7ª edição, Editora Nova Geração, 1996.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Homem: abordagem integrada da História Geral e do Brasil*. 1ª edição, São Paulo, Editora Moderna, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO 98.1

**LOCAL DE ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ESTAGIÁRIA: RITA MARIA FREIRE

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

SÉRIE: 8ª TURMA: "B" TURNO: NOITE

CARGA HORÁRIA: 8 AULAS (50 MINUTOS)

PLANO DE UNIDADE

TEMA: *A Invasão Holandesa na Paraíba (1625-1634): lutas e resistências em prol da posse da terra.*

OBJETIVO GERAL: *Objetiva-se que ao final da Unidade, os alunos sejam capazes de compreender como se deu a Invasão Holandesa na Paraíba, a importância do "pacto" firmado entre invasores e moradores para a consolidação da conquista e a troca de valores culturais entre os vários grupos étnicos.*

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Perceber as estratégias usadas pelos invasores para ocupar a Paraíba, face a resistência dos nativos e outros moradores;*
- Perceber a importância das concessões feitas entre holandeses, nativos, índios aculturados, senhores e escravos, para a consolidação da conquista da Paraíba;*
- Identificar as contribuições deixadas pelos holandeses para o entendimento das diferenças culturais, a partir dos documentos de época.*

CONTEÚDO:

- A chegada dos holandeses na Paraíba e as formas de resistências dos moradores;
- A consolidação da conquista da Paraíba por meio da "amizade" com os vários grupos;
- Relato sobre as riquezas da terra: diferenças de interesses, de uma produção de subsistência para uma economia de exportação.

METODOLOGIA: Exposição dos temas como uso de textos mimeografados, mapa, quadro para giz e esquema, abrindo espaço para a interferência dos alunos.

AValiação: Através da participação, elaboração de pequenos textos e exercícios escritos a partir da exposição dos temas.

BIBLIOGRAFIA:

Textos: Invasões Holandesas, guerras de guerrilhas, heróis nacionais, nacionalidade.

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. Vol. I, 2ª edição, João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1978.

DEODATO, Borges e FILHO, Deodato. *A História da Paraíba em Quadrinhos*. 2ª edição, Paraíba 400 anos, 1985.

HERCKMANS, Elias. *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*. João Pessoa, União Companhia Editora, 1992.

OTÁVIO, José. *História da Paraíba*. 2ª edição, Editora Universitária/UFPB, 1990.

ANEXOS II

- PLANOS DE AULAS -

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon - 11 - 08 - 98
6ª Série E Carga Horária: 50 minutos

Plano de Aula

Tema: A República hoje e ontem

Objetivos específicos:

- Representar o entendimento do conteúdo estudado através de desenhos (quadro)

Conteúdo:

- O Nascimento da República (texto)

Metodologia:

- Expor o tema com uso do quadro, texto mimeografado e desenhos feitos pelos alunos.

Avaliação:

- Pela participação em sala e exercício escrito
- Uma pequena redação sobre o tema

Bibliografia:

- CARVALHO, José Murilo, A formação das Almas - O imaginário da republica no Brasil, SP companhia das letras
- PILLETI, Nelson , Historia e Vida - Editora Ática e outros.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon - 04 - 08 - 98
6ª Série E Carga Horária: 50 minutos

Plano de Aula

Tema: O nascimento da República (1889 - 1930)

Título: A República hoje e ontem

Objetivos específicos:

- Estabelecer paralelos entre a República hoje e a República velha.
- Entender a República como um "projeto" em construção, refletindo a ausência da participação popular naquele período e os significados dos símbolos.

Conteúdos:

- Como nasceu a república, como foi pensada pelos grupos
- Primeiros tempos republicanos

Metodologia:

- Aula expositiva dialogada, utilizando cartazes, gravuras, quadro para giz e texto mimeografado.

Bibliografia:

- CARVALHO, José Murilo, A formação das Almas - O imaginário da republica no Brasil, SP companhia das letras
- SCHMIDT, Mário, nova Historia critica do Brasil 2º Grau - Editora Nova Geração 7ª edição 1996
- PILLETI, Nelson , Historia e Vida - Editora Ática e outros

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon - 18 - 08 - 98
6ª Série E Carga Horária: 50 minutos

Plano de Aula

Tema: A Guerra de Canudos (1896 - 1897).

Título: Canudos, novas alternativas de vida.

Objetivos específicos:

- Relacionar Canudos com as tensões sociais hoje; O MST e a problemática da terra.
- Perceber Canudos como resultado de conflito entre pobres, fazendeiro e o estado
- Entender Canudos como reflexo do grande latifundiário e a expulsão do homem do campo, que acabaram por gerar outras formas de vida.

Conteúdo:

- Canudos no contexto da República Oligárquica.
- Guerra, fome, injustiça social e religiosidade em Canudos.

Metodologia:

- Exposição do tema com auxílio de fotografias, abrindo espaço para a interferência dos alunos. Cada aluno ler um parágrafo do texto e faz questionamento; depois com o uso dos quadrinhos, elaborar um texto sobre o assunto.

Recursos de didáticos:

- Cartaz, gravuras, texto mimeografado, livro didático, quadrinhos , esquema e quadro de giz.

Avaliação:

- Elabore um pequeno texto sobre o que entendeu do assunto.
- Participação.

Bibliografia:

- SILVA, Francisca de Assis. - 1ª Edição - Editora Moderna 1996
- SCHMIDT, Mário. - Nova História Crítica do Brasil 2º grau Editora Nova Geração 7ª Edição 1996
- PELLETI, Nelson. - História e Vida e outros

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon - 25 - 08 - 98
6ª Série E Carga Horária: 50 minutos

Plano de Aula

Tema: A Industrialização no Brasil.

Título: A indústria brasileira no período da República Velha.

Objetivos específicos:

- Perceber as especificidades do processo de industrialização no Brasil, a dependência dos cafeicultores e os tipos de mão-de-obra utilizadas.
- Identificar a presença de novas agentes sociais no mundo urbano em contraponto como os movimentos sociais no campo, especificamente o nordeste em formação.

Conteúdo:

- Cafeicultores como pioneiros
- Mão-de-obra nativa e imigrante
- Tecnologia importada
- Economia de exportação

Metodologia:

- Aula expositiva com uso de cartazes, texto mimeografado e quadro de giz.

Avaliação:

- No final os alunos deverão montar um quadro com palavras chaves; fazendo uma retrospectiva da aula.

Bibliografia:

- SCHMIDT, Mário. - Nova História Crítica do Brasil 2º grau Editora Nova Geração 7ª Edição 1996, e outras fontes.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
Carga Horária 50 minutos

Plano de Aula

Tema: Invasão Holandesa

Título: Lutas e resistências em prol da posse da terra

Objetivos específicos:

- Perceber as estratégias dos Europeus (Portugueses, Holandeses e franceses), utilizados para ocupar a Paraíba.
- Verificar a participação dos nativos quanto as formas de resistências dos conquistadores e a reação dos moradores com relação a presença holandesa.

Conteúdo:

- Holandeses na Paraíba: Um encontro conflituoso.
- Estratégias utilizada pelos invasores
- Reação dos moradores de Filipeia como resistência

Metodologia:

- Aula expositiva dialogada com uso de cartazes, mapas, texto mimeografado e esquemas.

Avaliação:

- Pela participação e através de palavras-chave.
- Fazer uma retrospectiva da aula trabalhada com o uso de recortes de cartolina

Bibliografia:

- Texto: Invasões holandesas, Guerras de Guerrilhas, Heróis Nacionais, Nacionalidade
- ALMEIDA, Horácio de , História da Paraíba . - Editora Universitária UFPB João Pessoa 1978 Vol. 1
- OTÁVIO, José, História da Paraíba. - Editora Universitária UFPB 2ª edição 1990.
- Dcodato Borges e Dcodato Filho, a História da Paraíba em quadrinhos 2ª edição, Paraíba 400 anos, 1985.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
Turmas: 1º B e C turno: Noite Carga Horária 50 minutos

Plano de Aula

Tema: Holandeses na Paraíba: Consolidação da conquista

Título: A consolidação da conquista da Paraíba e os meios utilizados pelos invasores.

Objetivos específicos:

- Perceber a importância das concessões feitas entre holandeses, moradores, índios aculturados, senhores e escravos, como meios para consolidar a conquista do território

Conteúdo:

- A "amizade" entre invasores, índios aculturados, negros e judeus em forma de concessão.
- Calabar e sua ajuda, o "direito" de escolher.
- As resistências dos luso-brasileiros como fuga, saques, uso do fogo, medo e submissão como meios para permanecer na terra.

Metodologia:

- Exposição do tema com o uso de quadro de giz, texto mimeografado e esquema.

Avaliação:

- Pela participação e exercício escrito

Bibliografia:

- ALMEIDA, Horácio de, História da Paraíba. - Editora Universitária UFPB João Pessoa 1978 Vol. 1
- MELO, José Otávio de, - História da Paraíba - Lutas e resistências 3ª edição Editora Universitária João Pessoa 1996 e outros.
- Texto: Invasões holandesas, Guerra de guerrilhas, Heróis nacionais e Nacionalidade

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
Turmas: 1º ano B e C turno: Noite Carga Horária 50 minutos

Plano de Aula

Tema: contribuição dos holandeses para cultura na Paraíba

Título: Colonização e troca de valores culturais

Objetivos específicos:

- Identificar as contribuições deixadas pelos holandeses para o entendimento das diferenças culturais, a partir dos documentos da época.

Conteúdo:

- Relato sobre as riquezas da terra.
- Tolerância religiosa.
- Concessões políticas aos proprietários.
- Novas formas de cultura

Metodologia:

- Aula expositiva dialogada, utilização de texto mimeografado e esquema.

Avaliação:

- Pela participação na aula e elaboração de um pequeno texto.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Horácio de , História da Paraíba . - Editora Universitária UFPB João Pessoa 1978 Vol. 1
- HERCKMANS, Elias - descrição geral da capitania da Paraíba. A união companha, editora, João Pessoa, 1982
- História da conquista da Paraíba - Sumário da Armada

ANEXOS III

- *TEXTOS* -

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
6ª Série E Turno: Manhã

Como nasceu a república?

O Brasil nos últimos anos tem vivenciado algumas mudanças causadas pelo plano real do presidente FHC. Os meios de comunicação têm mostrado que a população brasileira está dividida quando se pergunta se o plano Real é bom ou não. Alguns acham que a moeda tem dado bons resultados, outros mostram que o desemprego aumentou, e assim as opiniões se dividem de acordo com as vivências de cada um.

Quando o Brasil era uma Monarquia, as pessoas também tinham suas queixas. Muitos queriam a República, outros por algum motivo preferem o Império, temiam que o novo Regime pudesse trazer de novidade para mexer com suas vidas. Mas, em fim o nascimento da República. Como isto aconteceu?

O historiador Murilo de Carvalho no seu livro "Os bestializados" disse: "O povo dormiu monarquista e acordou republicano". Ele quis dizer que quando o Marechal Deodoro em 1889, proclamou a República, as pessoas nem perceberam. Imaginem que nesta época a imprensa não ia muito longe e poucas pessoas liam. Na verdade o Regime foi sendo vivenciado através de símbolos que foram criados para marcar o acontecido. Desta maneira, o amor à pátria veio através do hino, da bandeira, dos monumentos, dos desfiles e datas comemorativas. Quem nos últimos dias se emocionou ao ver o Brasil na Copa?

A República foi sendo construída aos poucos; mas, como ela foi pensada naquele tempo? Para citar algumas opiniões, temos três grupos: os deodoristas, que queriam uma República militar beneficiasse o exército, jovens oficiais e parentes do proclamador. Os Jacobinos, que queriam o modelo francês, achavam que o povo deveriam participar, ir às praças, exigir seus direitos, os professores, estudantes os profissionais liberais. Outro grupo era representado por Benjamim Constant, que lia livros vindos da Europa e queria "ordem e progresso" para o país com disciplina e trabalho. Este foi o projeto que venceu, o que achava que o povo era despreparado e precisava de representantes na política.

Esta fase foi marcada por muitos conflitos, já que as pessoas também pensavam em mudanças ao seu modo, outros simplesmente não queriam mudar. Uma reação pode ser vista quando a estudarmos a Guerra de Canudos - Um projeto que não venceu.

Bibliografia:

CARVALHO, José Murilo. A formação das almas. O imaginário da República no Brasil. SP. Companhia das Letras 1990

PILITTI, Nelson. História e Vida. Editora Ática

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
6ª Série E Turno: Manhã

CANUDOS (1896/1897) Novas alternativas de vida

O período que vai de 1896 a 1897, foi marcada por uma prolongada estiagem e o único lugar que existia para trabalhar eram as grandes fazendas; só que pouca gente conseguia trabalho e quando acabava a colheita, eram mandados embora.

Era comum no período de seca, os grandes proprietários procurarem outras áreas para a pastagem de seu gado e mandarem seus agregados embora. Essas pessoas mantinham uma relação de dependência com seus senhores que apesar de explorá-los, eram quem dava uma certa "proteção". Neste caso, a ausência dos patrões, que geralmente iam morar no litoral, e o abandono a que ficavam entregues , acabava por gerar naquelas pessoas a coragem para reagir; ou seja, uma força, um "poder", em especial entrando para o cangaço.

Nas feiras livres, os trabalhadores ficavam sabendo que em canudos,sertão da Bahia estava se formando uma comunidade diferente onde tudo era de todos, não havia patrões nem empregados, podiam plantar e criar rebanhos.

Esta comunidade era guiada por Antônio Conselheiro, um religioso que conseguiu reunir centenas de seguidores, causando muito medo ao governo da recente República. Canudos representava uma ameaça aos republicanos que resolveram exterminar toda aquela comunidade que acolhia gente de vários estados que não tinha como conseguir meios de subsistência.

O jornalista Euclides da Cunha, autor da obra "Os sertões" , foi testemunha ocular da guerra; escreveu sobre o massacre: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda História, resistiu até o esgotamento completo".

(Euclides da Cunha, "Os sertões" RJ, Editora de Ouro pg 541)

SILVA, Francisco de Assis - História do Homem 1- Editora Moderna 1996

PILETTI, Nelson - História e vida 4ª edição - Editora Ática.
outros

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
6ª Série E Turno: Manhã

A industria brasileira durante a república velha (1889 a 1930)

A industrialização primeiro se deu na Inglaterra, de 1789 a 1848. O Brasil participou nesse processo de industrialização com o comércio de exportação de matérias primas, ou seja, vendia seus produtos baratos e comprava o que não podia produzir a "preço de ouro"

Em 1889, o Brasil estava saindo da escravidão que era considerado por alguns historiadores como causa do atraso da economia brasileira. Foi preciso fazer a abolição para liberdade a mão-de-obra e introduzi-la na indústria nascente; só que a elite dos fazendeiros de café achavam que os ex-escravos e trabalhadores livres eram despreparados e indisciplinados para as atividades industriais, por isso, resolveram trazer os imigrantes que eram alfabetizados.

Em 1910, com a introdução da luz elétrica, aumentou o processo de produção. A construção de ferrovias facilitou o transporte dos produtos, em especial o café até as "fabricas", ao mesmo tempo em que houve um crescimento urbano. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo em 1930 já eram consideradas verdadeiras metrópoles, cada vez mais as pessoas foram morar em cidades, foram crescendo as favelas; já que muitos não conseguiam empregos, os salários eram baixos e as condições de vida eram péssimas. As crianças aos 8 anos de idade, trabalhavam junto aos pais e a escola era privilégio de poucos.

Os operários trabalham muito sem nenhum direito, não existia aposentadoria, os acidentados ficavam dependendo de ajuda dos que trabalhavam. Os italianos trouxeram outros conhecimentos sobre as leis trabalhistas, e foram os primeiros a pensar em organizar os operários, mas o governo e os patrões usavam a repressão; vários estrangeiros foram expulsos e para os nativos o castigo era o exílio na Amazônia. Apesar da repressão do estado com o uso da polícia e as ameaças dos patrões, sempre houve reação por parte dos trabalhadores.

Os primeiros a investir na indústria foram os fazendeiros do café e imigrantes que trouxeram algum dinheiro. Nesta fase havia uma alta produção de café e os lucros estavam sendo investidos na indústria, mas predominavam um tipo de produção voltada para as necessidades dos fazendeiros, como: máquinas de descaroçar e de socar o algodão etc. alguns livros mostram que este crescimento econômico foi prejudicado porque não havia investimento em capital; os fabricantes se endividavam e pediam a proteção do governo que pedia dinheiro emprestado aos ingleses, gerando a inflação. Tudo isto para salvar a situação e manter os compromissos.

Diferente dos Estados Unidos, França e Japão, o Brasil e outros países da América Latina não tiveram condições de substituir as importações, continuavam mantendo o comércio de exportação. Outro fator era a falta de tecnologia. Enquanto os ingleses

utilizavam novas máquinas vendiam as antigas ao Brasil a altos preços. Desta maneira a indústria crescia a passos lentos.

As primeiras fabricações foram de bens de consumo (chapéus, alimento , bebidas, moveis, sapatos, etc.), porque exigia menos investimentos o lucro era garantido e o consumo também.

Conclui-se que o atraso da indústria nascida na República Velha pode ser atribuída tanto a dependência do capital estrangeiro como também por causa da mentalidade dos cafeicultores que era conservadores e ligada a interesses próprios, e não do país em geral.

Bibliografia:

SCHMIDT, Mário ,Nova História Crítica do Brasil - 2º Grau - Editora Nova Geração
7ª edição 1996

DEAN, Warrem, "A industrialização durante a república velha" em Fausto Boris (org.
História geral da civilização brasileira Difel 1977 - 249,283.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
1º ano **B 2 e C** Carga Horária: 50 minutos

Invasão Holandeses

Lutas e resistências em prol da terra

Com a morte de D. Sebastião rei de Portugal, subiu ao poder o Cardeal D. Henrique que faleceu sem deixar herdeiros. A união ibérica aconteceu a partir daí. O rei espanhol passou a ser o rei português e assim a Espanha dominou Portugal e consequentemente o Brasil.

Neste contexto, a Holanda estava em guerra com a Espanha que mantendo domínio sobre a soberania portuguesa impediu o comércio como o Brasil. Os holandeses resolveram invadir.

A Holanda, país capitalista já em fase avançada, possuía armamentos sofisticados, o que facilitou a dominação; além de uma mentalidade propícia a política agressiva e comercial, possuía grandes recursos para investimentos.

A grande preocupação dos holandeses era Ter perdido o controle sobre os produtos portugueses, em especial o açúcar, vindo do Brasil, que garantia gordos lucros. Por isso, era preciso encontrar estratégias para ir diretamente à fonte. Naquela época, o Brasil era o grande alvo para, as potências em desenvolvimento e todas queriam o apossamento de suas riquezas.

Em 1621, a aristocracia holandesa extremamente rica, precisava manter seu extenso comércio; para isso, fundou a companhia da Índias Ocidentais, exemplo do que já existia no Oriente, para manter relações comerciais e garantir o monopólio do açúcar e o comércio de escravos.

A companhia das Índias Ocidentais era um empreendimento particular que garantia compra de mercadorias a baixos preços para vender na Europa. Diferente dos portugueses, neste ponto, os holandeses não estavam investidos em colonizar, mas tudo o que pudesse da terra.

O "Nordeste", por ser uma região propícia ao cultivo da cana-de-açúcar, virou um campo de lutas. A princípio, os holandeses invadiram a Bahia, mas como era sede do governo e bem defendida, foram expulsos. De volta apontaram na Paraíba. De 1625 a 1634, vários conflitos aconteceram; foram 8 anos de resistências. Os luso-brasileiros não mediram esforços para a defesa e usaram como estratégia a aliança entre a igreja, senhores de engenhos, índios aculturados, brancos e escravos contra o "inimigo comum".

Só depois de dominar Rio Grande do Norte e Pernambuco, ficou mais fácil entrar na Paraíba, cercada por terra e por mar. Para os holandeses, faltava o conhecimento da terra, dela só tinham notícias de suas riquezas através das cartas dos jesuítas e crônicas

de viagens. A aliança com os índios potiguaros, residentes na Bahia da Traição, foi uma tática utilizada pelos holandeses para conseguir informações detalhadas sobre os moradores daquela capital. Esta aliança permitiu aos invasores vários benefícios e, como estratégias para segurar o auxílio prestado, os holandeses enviaram Pero Potí a Holanda. Além dos recursos financeiros, os invasores montaram com a ajuda de CALABR, que (pertencia ao Exército Português) para a conquista.

Os moradores de Filipéia também usaram estratégias como: a guerrilha, aliança com os índios, outros queimaram as lavouras, saquearam armazéns, e fugiram para o interior destruindo tudo o que podiam para não deixar nenhum benefício. Alguns moradores bem estabelecidos fizeram acordo como meio de manter seus engenhos funcionando. Os invasores por sua vez não fizeram nenhuma questão em fazer algumas concessões, contanto que colaborassem. Por isso, durante 24 anos de atuação, muitas propriedades dos portugueses ficaram intactas, já que a produção do açúcar continuou e o principal objetivo dos invasores era recuperar o comércio.

Segundo documentos deixados pelos holandeses, as pessoas daquelas terras (Paraíba) não sabiam aproveitar suas riquezas. Isto mostra diferenças no modo de utilizar a terra conclui-se que esta relação não se deu sem conflitos.

Bibliografia:

ALMEIDA, Horácio de, História da Paraíba. Editora Universitária, UFPB. João Pessoa 1978 vol. 1.

SCHMIDT, Mário, História Crítica do Brasil. 2º grau 7ª edição, Editora Nova Geração, 1996.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
1º ano B 2 e C Carga Horária: 50 minutos

Holandeses na Paraíba

Como os invasores conseguiram consolidar a conquista do território?

Na aula passada aprendemos que muitas tentativas de ocupação foram feitas pelos holandeses para conquistar a Paraíba, porém era grande a resistência dos espanhóis, negros, portugueses, e tribos indígenas.

Para consolidar a conquista foi muito importante para os holandeses a aliança com os escravos que fugiam das fazendas, e os índios potiguaras. Neste momento foi grande a ajuda de Calabar.

Calabar conhecia bem a terra e contribuiu mudando o rumo das lutas, ampliando a penetração holandesa, fazendo recuar a resistência luso-brasileira. Ele era militar português e chegou a ser major do exército holandês, sendo considerado pelos espanhóis, sendo considerado pelos espanhóis como um traidor.

Hoje alguns historiadores levantam questões ou dúvidas sobre o comportamento de CALABAR, já que o mesmo resolveu fazer oposição e escolher seus dirigentes. A "amizade" entre holandeses e índios favoreceu o conhecimento da região e dos que viviam na terra. O índio Pero Potí que foi levado para a Holanda para estudar, ao voltar, foi de grande utilidade, chegando a assumir cargo na administração holandesa.

Os índios também usaram estratégias para conseguir objetivos. Nesta ralação foi possível estabelecer uma certa liberdade de culto e o apoio para as defesas contra as tribos inimigas. Como não era interessante conservar "índios rebeldes", os holandeses apoiavam os aliados nos momentos de guerra.

Também foram feitas alianças com os judeus, dando apoio e incentivando a imigração. O principal objetivo era permanecer na terra e garantir apoio de todos que resolvessem ajudá-los. Por sua vez, algum aliado negociaram e tudo ia organizando nos moldes capitalistas.

Aos senhores de engenhos foram concedidos empréstimos a preços baixos, para recuperar os engenhos danificados pelas "guerrilhas", desta maneira era possível manter a produção do açúcar para o mercado europeu. Outra estratégia utilizada pelos invasores foi o incentivo para a importação de escravos, pois, o número de cativos estava reduzido por causa das epidemias que haviam acontecido. Essa mão-de-obra era considerada lucrativa, já que eles traziam os escravos para vender caro aos senhores. Além disso, era necessário mais braços para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar. Para evitar as revoltas por causa do trabalho forçado, os holandeses criaram o "dia de descanso".

Alguns nativos continuavam resistindo, era grande a desconfiança, eles tinham medo de serem escravizados e reagiam aos novos valores que estavam sendo incorporados a sua cultura. Continuavam os ataques aos engenhos, interferindo na produção de açúcar. As queimas eram constantes e as tensões continuavam.

Bibliografia:

Texto: Invasões Holandesas, Guerra de Guerrilheiros Nacionais, Nacionalidade.

ALMEIDA, Horácio de, História da Paraíba. Editora Universitária, UFPB. João Pessoa 1978 vol. 1 e outros.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon
1º ano B 2 e C Carga Horária: 50 minutos

Invasão Holandeses

Desenvolvimento cultural na Paraíba. contribuição holandesa.

A influência holandesa na Paraíba pode ser constatada em vários aspectos culturais; pois, como sempre o encontro entre povos diferentes não deixa somente traços negativos para a sociedade, mas deixam também muitos pontos positivos, apesar da destruição e do choque de culturas.

Entre os pontos positivos podemos citar os documentos de época, ou seja, existem relatórios da capitania, dando conta da riqueza da terra, ao mesmo tempo em que denunciam a falta de interesses dos moradores, senhores de engenhos em explorar estes lucros

Além de documentos para estudo sobre a Paraíba, os invasores também introduziram novas formas de cultivo, além de transformar a agricultura de subsistência em produtos para as exportações tais como: o fumo e o algodão. Foi incentivado a criação de gado para o consumo, cabra e carneiro, substituindo a caça e a pesca como predominantes nas mesmas.

Como a chegada dos holandeses na Paraíba, houve uma certa valorização das religiões indígenas e africanas, antes desconsideradas pela igreja católica. Aos negros era proibido cultuar seus deuses e fazer seus rituais, os holandeses introduziram na colônia o calvinismo.

Além desta mudança, houve um ensaio de uma política participativa com a admissão de proprietários e índios nas câmaras municipais, os escravos ganharam um dia de "descanso". Isto era um incentivo para uma maior produção. Os antigos senhores achavam que o negro era como uma máquina, esta visão em parte foi sendo amenizando.

As estratégias de dominação permitiram um grande passo para a aculturação já que foram sendo mudadas as formas de resistência.

ANEXOS IV
- ATIVIDADES -

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina História do Brasil
Estagiária Rita Maria Freire
Orientador: Alarcon -
6ª Série E Carga Horária: 50 minutos

Opinião



Questão

1 - Diga com suas palavras o que você entendeu.

Escola Estadual de 1ª e 2ª graus
 Disciplina: História do Brasil
 Profª Estagiária = Rita Maria P. Almeida
 Aluno^{ca} = Janderley A. da Silva

opinioao



Questão obs: Fez ponte com a discussão sobre a guerra de Canudos

1. Diga com suas palavras o que você entendeu.

O que quis dizer o autor do texto é que o governo queria fazer uma reforma agrária para tirar a terra das mãos dos latifundiários e dar para os camponeses. Mas, como o latifundiário não queria, ele se recusou a dar a terra para eles.

Redação

Aluna: Ramuella de A. Silva
6º E Lomã sala: 6 nº 32

Redação

Eu gostei muito da aula de hoje nos falamos sobre a república, monarquia, desenhamos no quadro etc. Na aula eu entendi que nesse plano Real tinha acontecido muita coisa, como: algumas pessoas acharam que a monarquia tinha dado muitos resultados na vida deles; e outras acharam que o desemprego tinha aumentado e como isso de divide a vivência de cada um.

Entendi também que quando o Brasil era uma monarquia algumas pessoas tinham suas queixas como: reclamavam da monarquia, ~~de~~ e mais preferiam a república e outros preferiam o Império e assim aconteceu. E a república foi sendo constituída pouco a pouco.

A República 2ª edição

1889-1990

O nascimento da República
15 de novembro de 1889 (marco).

Faça uma pequena redação sobre o assunto
que mais chamou a sua atenção
em suas palavras

Nome: Jaqueline Ferreira dos Santos Nº 24
Redação
Sobre a República

A República hoje aprendi muitas coisas na aula de história, como por exemplo como nasceu a República. Uns queriam a monarquia outros a República, grupos de jovens estudantes e professores, faziam proclamação mais não atendiam.

Também aprendi que o novo regime político não trouxe mudanças significativas para a maioria da população brasileira, que a Proclamação da República não alterou a exclusão política.

As rédulas do Brasil, como escudo, a Bandeira etc.

Redação

Plano Real

O plano real é também uma das coisas que marcará a história do Brasil.

Para muitos o plano real foi bom para outros não, o plano real ficou bom para os ricos porque eles tem dinheiro e vivem bem de vida, mas não foi muito bom para os pobres, pois eles não tem condições de vida e sofrem com isso. O desemprego aumentou mais as crianças estão trabalhando para as famílias e não estão na escola. Porque isso acontece?

Por causa do presidente FHC que não constrói mais escolas e não dá empregos a quem precisa.

O Brasil não tá fazendo ordem e progresso que precisa

aluno: Adma Jussara Morelino

Nº 1

6º E

Turno = manhã

Mini Redação

unigo

O que mais me marcou foi como só o hino, a bandeira, os monumentos, os desfiles e as datas comemorativas fez as pessoas ter amor à pátria.

Aluna: Marcia Bezerra Francisco. Nº 28 6º E

Faça uma pequena redação sobre um assunto
que mais chamou a sua atenção:
com as palavras de vocês.

Eu acho muito interessante saber o
Brasil era uma Monarquia e quando
a República foi construída aos poucos
e também como o povo decidiu guerra
guisto e acordou republicano isso
que disse que a República estava mandando
no Brasil completamente. e também
esse plano real mudou muito o
Brasil tanto mudou como ~~o~~ Hoje
está tudo mais difícil muitas pessoas
não tem o que ~~comer~~ comer até
hoje no Brasil por causa do real.

Nome: Waldemir Marques Santos Série: 6E Nº 42

I - República

O Brasil nos últimos anos mudou bastante como o plano de Real principalmente que umas pessoas acham que melhorou e outras acham que piorou, e isso é assim todos nós tem os mesmos pensamentos e da mesma jeito que temos dúvidas hoje eles tiveram quando tinham, que decidin se quer a República ou o Império e desde esse dia até hoje os agentes tem dúvidas com várias coisas.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia do Brasil
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon

Exercício

1 - Sabendo que a industrialização primeiro aconteceu na Inglaterra, no período de 1789 a 1848, diga como foi a participação do Brasil nesta industrialização.

2 - As primeiras industrias no Brasil foram construídas no inicio da República Velha pelos fazendeiros do café. Diga como esses fazendeiros consideravam os trabalhadores brasileiros.

3 - Por que os fazendeiros resolveram trazer os imigrantes para trabalhar nas industrias e na produção do café ?

4 - Quais os primeiros produtos fabricados no Brasil ?

5 - De acordo com o texto, fale sobre a situação dos operário na fase da República Velha.

6 - Explique esta afirmativa: "com o crescimento das cidades foram aparecendo as favelas e os cortiços".

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon

Exercício

- 1- Por que os holandeses resolveram invadir a Paraíba ?

- 2 - Quais as estratégias utilizadas pelos invasores para consolidar a conquista do território paraibano ?

- 3 - Explique as formas de resistências utilizadas pelos moradores de Filipéia.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: Historia da Paraíba
Estagiária : Rita Maria Freire
Orientador : Alarcon

Exercício

1- Diga com suas palavras o que você entendeu sobre o tema: "Lutas e resistências em prol da posse da terra".

ANEXOS V

- REGISTRO DAS AULAS -

Registro das aulas

1º ano manhã

6ª e 1ª aulas 04/08 - 2 aulas

Conteúdo: Apresentação - Introdução ao conceito de República

6ª e 3ª aulas 11/08 - 2 aulas

Conteúdo: República Ontem e Hoje

6ª e 3ª aulas 18/08 - 2 aulas

Conteúdo: A Guerra de Canudos.

6ª e 4ª aulas 25/08 - 2 aulas

Conteúdo: Revisão sobre canudos, introdução do novo conteúdo

6ª e 5ª aulas 01/09 - 2 aulas

Conteúdo: A Industrialização na República Velha (1889 - 1930)

1º ano noite

1º B 1ª aula 11/08 - 1 aula

Conteúdo: Introdução a invasão holandesa

1º B 2ª aula 18/08 - 1 aula

Conteúdo: Continuação da aula anterior

1º B 3ª aula 25/08 - 1 aula

Conteúdo: Estratégias para consolidar a conquista da Paraíba

1º C 1ª aula 26/08 - 1 aula

Conteúdo: Invasão holandesa

1º B 4ª aula 27/08 - 1 aula

Conteúdo: Revisão e aplicação de exercício

1º C 2ª aula 27/08 - 1 aula

Conteúdo: revisão e avaliação

Obs:

As aulas no 1 C foram ministradas no horário do professor de Química.

Damiana de Oliveira Nº 6

Iolanda Alves - Nº 4

Wanda Santos de Lima Nº 18

Leigia Correia Alves Nº 25

Silviana Flaviano Viterino Ferreira Nº 42

Fabiana Silva Nº 19

Josimoldo José Santana Nº 23

Eliziane de Sousa Bento Nº 10

Cristiana Farias Lima Nº 05

Leandro P. Silva Nº 20

Fábia Paula Santos Nº 16

Elisângela Maria Santana Nº 11

Maria da Conceição Barbosa Nº 30

Edson Vasconcelos de Sousa Nº 9

Wilmara A. Santos Nº 46

Carla da Silva Nº 12

Luciano Santos Nº 13

DOIA CRISTINA Nº 24

Esteliano dos Santos Silva Nº 31

Arinaldo de Sousa dos Santos Nº 34

Luiza Gisela de Souza de Lima Nº 13

Claudio Nor. Ferreira Silva Nº 03

LUIS JULIO DE ARAUJO Nº 26

Albino José Silva Nº 01

Marily da Paz Andrade Nº 35

Fernando de Andrade Padua Nº 37

Lista de Presença - 6ª série - 1973

André A. da Silva Nº 22

... do Povo. Alcheiro ... 30º ...

... da Silva Nº 2

Amil Augusto dos Santos Nº 09

Luciana Mendes de Carvalho Nº 43

Aparecida de Souza Nº 30

Renata Gonçalves Lourenço Nº 35

Janeira Lopes de Souza Nº 20

Jolene Dias Silva Nº 24

... da Silva Nº 27

... Fernandes da Silva Nº 32

Carlos Eduardo Pereira Nº 8

Elisandra Santos da Costa Nº 13

... Francelly Nº 14

Edgaria Diniz Nº 10

Fátima Beatriz da Silva Nº 5

Valdineia Marques Santos Nº 2

... da Silva Nº 4

Georgina F. Almeida Nº 17

18 19 - 16 - 11 - 01 - 28 - 05 - 14 - 06 - 44 - 39

6º E Romão

Manuella de Andrade Silva nº 32

Elisângela de Louros Patrício nº 14

Guilherme Estrela da Silva nº 27

Luís Gouveia Almeida nº 34

Mônica Regina Pinheiro nº 18

Felipe Dias Silva nº 24

Francinara M. Nogueira nº 16

Fernando Augusto nº 27

Luís Pedro de Sousa nº 24

THIAGO SANTA NA DE SA
Rui Santos Rodrigues deite nº 45

Edson Lima Santos nº 11

FÁTIMA LETICIA A. SILVA Nº 13

VALDENIA MARQUES SANTOS Nº 42

Andréa Martins de Oliveira nº 6

Renata Gonalves Lourenço nº 35



Lista de Presença, 1º ano. 28-08-98

Escolida Belmonte Melo Nº 47

ROBERTO S. MACEDO Nº 31

Escolida Mendes Nº 45

Luís dos Santos Cunha Nº 17

José Augusto da Silva Nº 26

Escolida Almeida nº 46

Escolida Monteiro nº 42

Escolida Mendes nº 43

Luísa Paula Costa nº 50

Carlos Alexandre S. Pereira Nº 7

Danielle Araújo de Oliveira nº 09

Mary Cristiano Lima de Fátima nº 39

Seráia Borges Rabosa Nº 48

Fráncia Alices Sampaio Nº 18

Escolida Mendes dos Santos Nº 12 → Escolida Mendes

Daniela Santos nº 08

Jackson Ferreira da Silva

~~Luís~~ Luís Ferreira da Silva

Escolida Mendes dos Santos Nº 11 → Escolida Mendes Nº 06

Patrícia de Brito Canvalho Nº 36

Flores Melodo Mendes Nº 19

Miriam Nº dos Santos nº 41

Mª Francisca de Oliveira nº 38

Escolida Mendes dos Santos nº 13

Dixiane Queiroz da Silva nº 33

~~Antônio Carlos~~ Antônio Carlos Fernandes Soares Nº 05

Francisco de Sales Ferreira Silva Nº 20

Roberto Ferraz Nº 44

Biliane Janias Silva Nº 34

Fabiana de Almeida Nº 16

Quina Barbosa Nº 40

Janeira Lopes de Souza Nº 20

Marcia Bezerra Francisco. Nº 28

Valdiana Marques Santo Nº 42

Francynara de M. Nobrega Nº 16

Ana Paula da Silva Dias Nº 04

Jaqueline Ferreira dos Santos Nº 21

Adriana Brazelly Mendes Santos Nº 07

Camilla Santos Rodrigues Leite Nº 44

André Martins de Oliveira Nº 6

Ana Paula Pereira de Andrade Nº 05

Edson Lima Santos Nº 11

Edyaura do Nascimento Dinez Nº 10

Quintino Santos De Castro Nº 13

Yasminia Fortunato Paizera Nº 17

Renato evaran do Cunha. 3 Gaurorum aigo 3

Helena Dias Silva Nº 24

Olizângela de Lourdes Patrício Nº 14

Fátima Leacia Adelfino Silva Nº 15

Adma Jussara Marelino Nº 1

Luciana Guimaraes Fernandes da Silva Nº 31

Juliano Alves da Silva Nº 27

Patrícia Amado Nº 33

Elena Cristina Ferreira de Almeida Nº 12

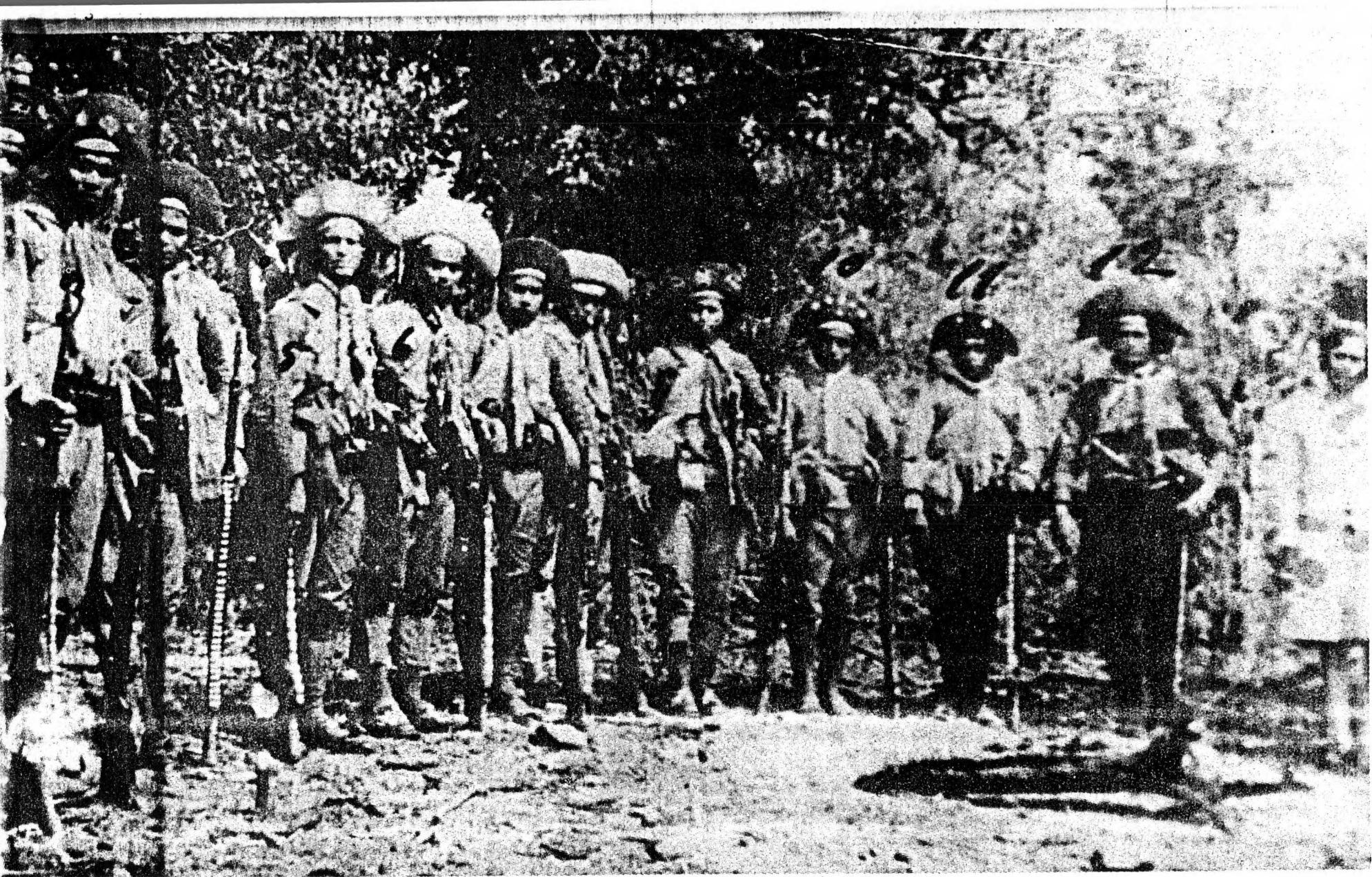
Duogo Santos Rodrigues Leite Nº 45

Alexandre Marcelo ~~Francisco~~

Ricardo Santana de Sá = Nº

40









wo de Canudos

Terça-Feira, 13 de junho de 1995

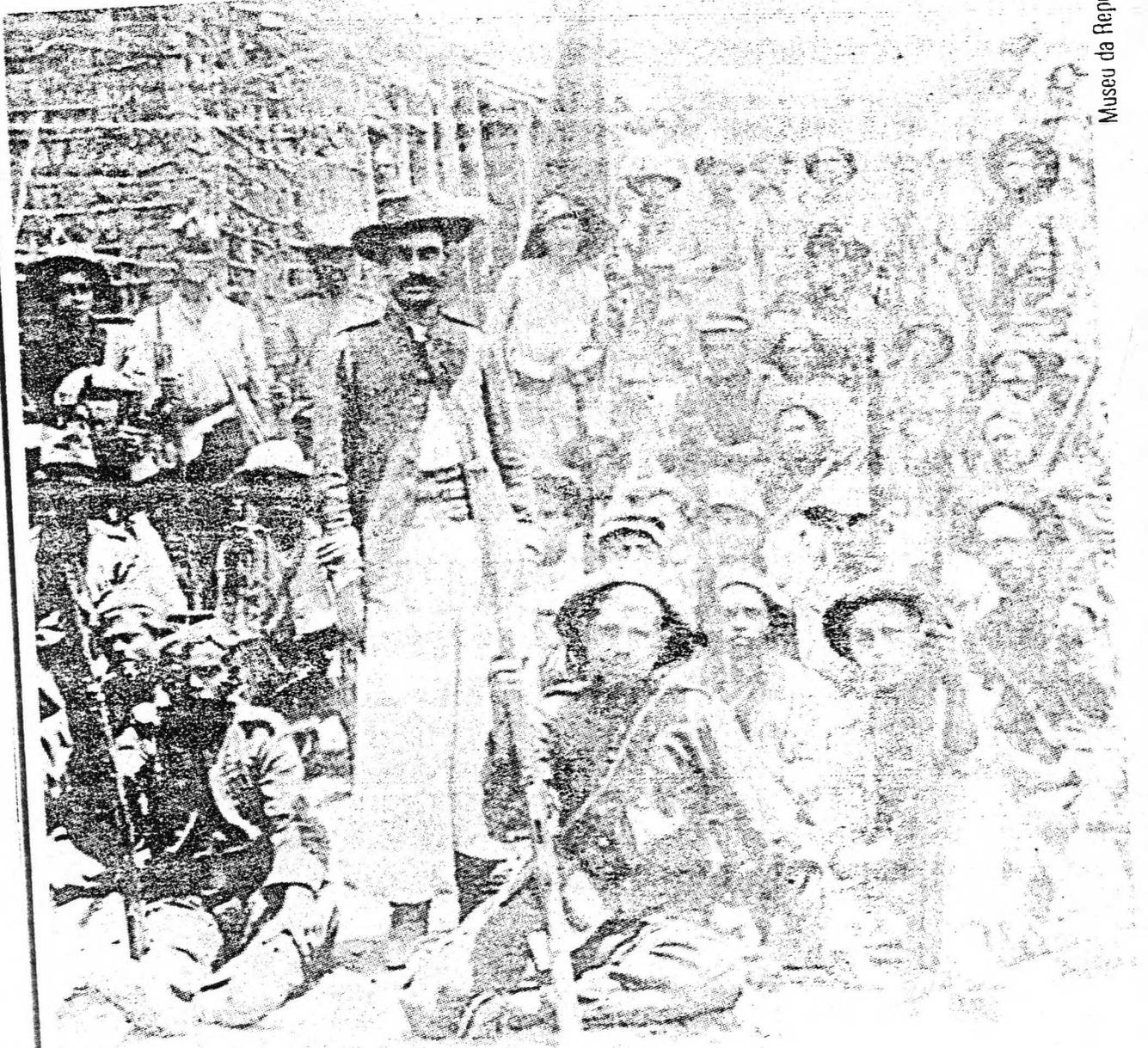
Benjamin Abraão/Divulgação



*Maria
Bonita e
Virgulino
Ferreira
Lampião
(com a
revista
'Noite
Ilustrada')
posam para
foto do
libanês
Benjamin
Abraão na
década de
30*

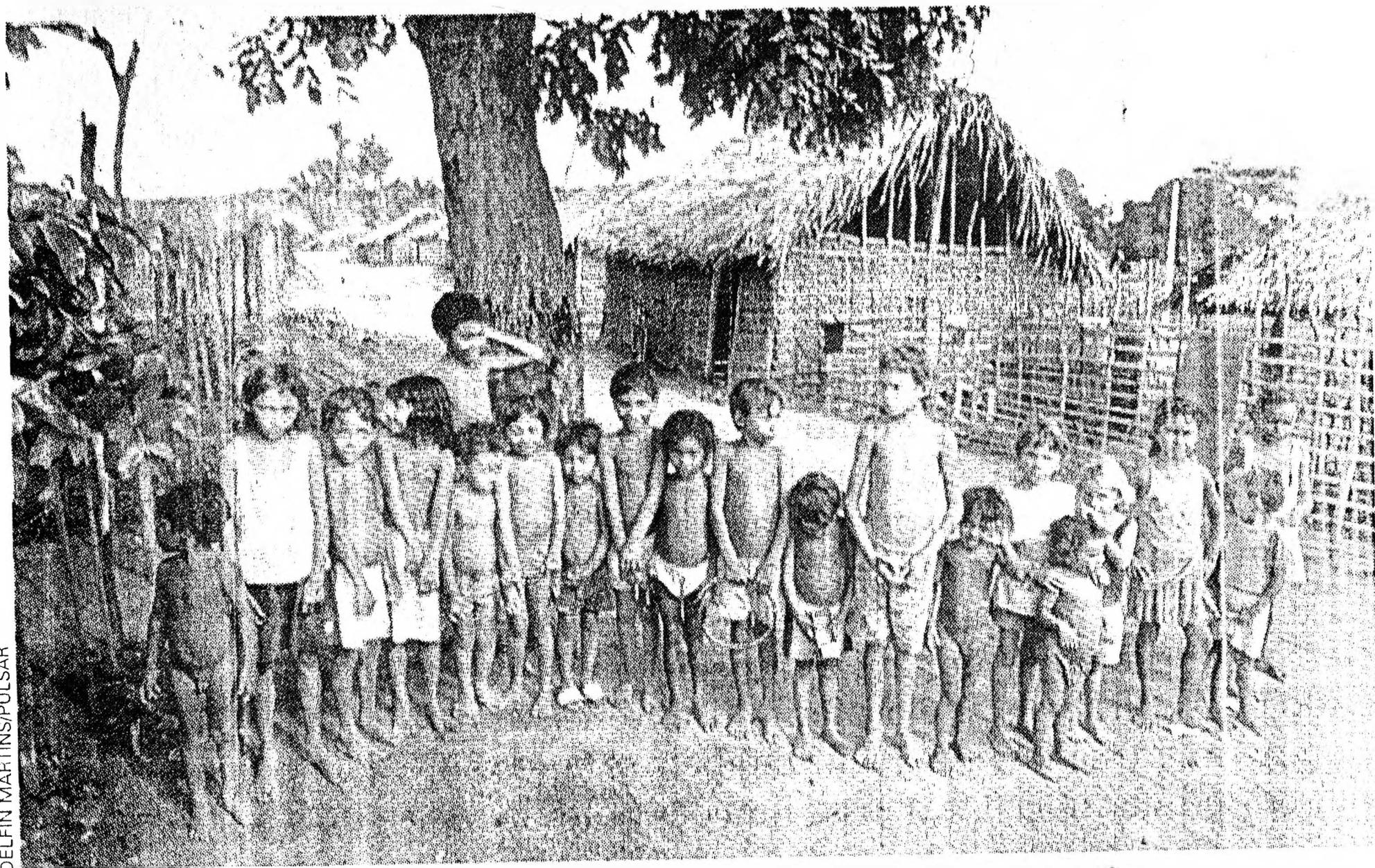


Povo de Canudos



Soldados que lutaram contra Canudos.

DELFIN MARTINS/PULSAR



A desnutrição é a triste realidade das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Pegar o "bunde andando" 12.20, 5^o
p. 10

Foi assim que nasceu meu encorajamento para enfrentar a prática; depois do incentivo da professora Nilda, ganhei forças para com as atividades. Por colegas já haviam começado as aulas a uma semana e eu estava volta do após mais de três meses de greve e de minha experiência maravilhosa - o nascimento de minha filha Alícia - a terceira.

Pensando em fazer valer o meu nome, que ali é de rainha, achei que era tempo de colocar "as narinas em dia". Fui então em conflito, aquele era um momento de decisão, eu precisava de um orientador e isso era urgente para que as dificuldades não me tomassem o ânimo.

Depois de falar com três professores, foi difícil convencer-lhes estas todas atividades. Minha parte foi a chegada do professor Flávio (ninguém se lembra por acaso), e depois da intermediação de Nilda ele topou aumentar sua jornada para me ajudar a "terminar" o curso.

Este processo de buscas foi importante, aumentou minha ansiedade. . . estou louca por uma sala de aula, espaço que sempre se renova e é contínuo. Estou voltando a este ponto no decorrer da prática. No momento estou juntando "pedras" e ali mesmo me desparando. Como durante todo o curso aprendi transformar as dificuldades como pertinentes ao processo proficiente, tento transformar os desafios e as dificuldades em dados positivos. não posso perder o "bunde". Esta prática tem que sair! 16-07-93. Rita